

## CONCEPÇÕES RELATIVAS AO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE EM DUAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE CURITIBA

### Conceptions Related to the Development of Speaking in two Public Schools of Curitiba

BELLIN, Greicy Pinto - UTFPR<sup>30</sup>

**RESUMO:** O objetivo do presente relato é apresentar algumas concepções relativas ao desenvolvimento da oralidade da língua inglesa em duas escolas da rede pública municipal de Curitiba. A experiência da autora como docente nas séries finais do Ensino Fundamental revelou que as práticas pedagógicas desenvolvidas nas aulas de língua inglesa ainda se prendem a uma concepção tradicional de ensino, com pouca ênfase no desenvolvimento da oralidade e foco no ensino de gramática. Neste sentido, serão apresentadas algumas sugestões para melhorar o ensino de oralidade na escola pública, levando em conta a necessidade de se formar um cidadão que saiba se comunicar oralmente em língua inglesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** ensino de língua; escola pública; oralidade.

**ABSTRACT:** This text's aim is to present some conceptions related to the development of oral skills of English as a foreign language that are hold in two public schools from Prefeitura Municipal de Curitiba. The author's experience as a teacher in the final series of Ensino Fundamental revealed that the pedagogical practices developed in English classes are still attached to a traditional approach in language teaching, with a little emphasis on the development of speaking and a focus on the teaching of grammar. In this sense, some suggestions to improve English oral skills in public schools will be presented, taking into consideration the necessity of forming a citizen that knows how to communicate orally in the English language.

**KEY WORDS:** language teaching; public school; speaking.

O presente relato parte de minha própria experiência como docente nas séries finais do Ensino Fundamental (quinta a oitava série) em dois estabelecimentos de ensino da rede pública municipal de Curitiba, a saber: Escola Professor Herley Mehl, localizada no bairro Pilarzinho, e Escola Coronel Durival Britto e Silva, localizada no bairro Oficinas. A partir de tal experiência, pude constatar um déficit em relação ao desenvolvimento de práticas que priorizam a oralidade em língua inglesa, déficit este que parece se estabelecer, entre outras razões, devido ao predomínio de métodos

---

<sup>30</sup> Doutoranda em literatura comparada pela UFPR, e professora temporária de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) desde 2012.

tradicionais de ensino, como, por exemplo, a tradução de textos e os exercícios mecânicos de preenchimento de lacunas. Estas técnicas dominaram o ensino de língua estrangeira até meados da década de 70, época na qual começaram a surgir as abordagens comunicativas, cujo foco principal era o desenvolvimento da oralidade em sala de aula.

A abordagem comunicativa apareceu a partir da necessidade de um método mais eficaz, que “levasse as pessoas a dominarem não apenas o conhecimento gramatical das línguas estrangeiras que tivessem que aprender, mas que pudessem usar adequadamente estas línguas em situações reais de interação social” (SILVEIRA, 1999, p. 74). Sendo assim, a língua é concebida como um instrumento a ser utilizado nas mais diversas situações sociais, possibilitando ao aluno utilizar suas “estratégias de aprendizagem durante as atividades propostas e construir seus conhecimentos através da interação com os colegas e com o professor” (SILVEIRA, 1999, p. 77). Dentro desta abordagem, os conteúdos são organizados a partir de uma seleção de tópicos, evitando a repetição e os exercícios mecânicos. Privilegia-se a apresentação de situações-problema, nas quais os alunos irão usar seus conhecimentos de mundo para desenvolver sua competência comunicativa, fugindo da monotonia da abordagem tradicional, que consiste basicamente no aprendizado de regras gramaticais, com muito pouca ênfase em situações de comunicação real.

Dentro dos estudos sobre aquisição de segunda língua, multiplicam-se as evidências de que a abordagem comunicativa é eficaz no aprendizado de línguas estrangeiras. Prova disso é que muitos cursos formais de instrução em língua inglesa utiliza tal abordagem, em virtude da necessidade cada vez maior de se aprender a falar o inglês em um mundo globalizado. Na visão de Lightbown e Spada (1999), muito da aquisição de segunda língua se dá através da interação conversacional, uma vez que os alunos podem se engajar em negociações de sentido capazes de fazer com que cheguem a um entendimento mútuo acerca do assunto que estão discutindo. Comentando uma série de experimentos conduzidos em sala de aula, as autoras salientam que os alunos mais empenhados em interações conversacionais produzem formas linguísticas mais avançadas do que aqueles que não praticam a oralidade, o que mostra como a abordagem comunicativa pode ser eficiente no aprendizado de uma língua estrangeira.

Todavia, a realidade nas duas escolas municipais onde lecionei é bem diferente em relação às teorias apresentadas acima. Conforme já dito, há uma predominância da abordagem tradicional em detrimento da comunicativa, o que parece se justificar pela

enorme quantidade de alunos em cada sala (30 a 40 alunos na escola Herley Mehl; 25 a 30 alunos na escola Durival Britto e Silva), e pela carga horária reduzida do inglês: apenas duas horas semanais. Soma-se a isto o fato de que as aulas são dadas na língua materna, o que, na opinião de Lightbown e Spada (1999), contribui decisivamente para uma defasagem no desenvolvimento da oralidade. Em decorrência disto, falar inglês se torna algo quase inatingível ou até mesmo impossível na visão de muitos alunos, que não sabem sequer pronunciar um fonema na língua inglesa.

De acordo com as diretrizes curriculares para o ensino de língua estrangeira nas escolas municipais de Curitiba, “o professor deve falar a língua que ensina o maior tempo possível em sala de aula, em velocidade normal e sem fragmentar as frases” (CURITIBA, 2006, p. 186). Isso significa que, para desenvolver a oralidade, os estudantes precisam passar grande parte do tempo em contato com o idioma, sendo estimulados a fazer uso do vocabulário e das estruturas que estão aprendendo. Como podemos perceber, as diretrizes reconhecem a importância do trabalho com a oralidade em sala, uma vez que

Comunicar-se por meio de uma língua estrangeira é ter a possibilidade de aproximar-se e interagir com o mundo, pois o conhecimento de um segundo idioma constitui uma ferramenta importante para o acesso à comunicação intercultural, à atuação social, à tecnologia, às ciências modernas, à formação pessoal e acadêmica e ao mundo dos negócios. (CURITIBA, 2006, p. 181)

Entretanto, em sala de aula a maioria dos professores, incluindo eu mesma, acabava não falando o idioma estrangeiro como deveria, por conta de uma grande resistência por parte dos alunos, que não estavam habituados a escutar na língua inglesa e nos solicitavam que as aulas fossem dadas na língua materna. Muitos alunos até nutriam admiração por aqueles que apresentavam fluência no idioma, mas acabavam por achar estranho e até mesmo ridículo falar o tempo todo em inglês. Várias estratégias pedagógicas eram utilizadas para amenizar este déficit, entre elas o trabalho com música, que oferecia aos estudantes a oportunidade de entrar em contato com aspectos fonéticos, fonológicos, sintáticos e lexicais da língua. Ao trabalhar com letras musicais, acabávamos por perceber que muitos alunos não apresentavam qualquer problema para aprender inglês, e que se encontravam apenas desmotivados para isso.

Ao final do ano de 2010, todos os professores de inglês das onze escolas de quinta a oitava série da rede pública municipal receberam a tarefa de escolher um novo livro didático para as aulas de língua inglesa, a fim de buscar novas alternativas para um trabalho mais produtivo com o idioma. Cabe salientar que algumas escolas, tais como a

Durival Britto e Silva, não contavam com um livro didático para as atividades de sala, de modo que ficava a cargo do professor a elaboração de uma metodologia de trabalho. Na escola Herley Mehl contávamos com o livro, mas havia um problema: os alunos eram extremamente dependentes dele, de forma que não conseguíamos nos desprender muito do material para ministrar as aulas. A partir das discussões realizadas com os profissionais, foi escolhido o livro *Keep in Mind*, que traz uma abordagem comunicativa, com exercícios para desenvolvimento da pronúncia e oralidade, além de textos autênticos em língua inglesa e exercícios para a prática de itens gramaticais em contexto. A princípio, os professores ficaram bastante empolgados com o novo livro didático, pois acreditavam que com ele iriam conseguir introduzir a prática da oralidade em sala. Contudo, depois de alguns meses tal empolgação praticamente se extinguiu, uma vez que os profissionais continuaram enfrentando as mesmas dificuldades, somadas ao estranhamento e à resistência em relação ao “livro novo de inglês”. Desta forma, é importante salientar que o desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas para o ensino de língua estrangeira não é decorrente do desinteresse ou falta de competência dos professores, pedagogos e alunos, mas sim da forte mentalidade tradicional de ensino que fez (e ainda faz) com que estes alunos acreditem que traduzir e completar lacunas são as únicas formas aceitáveis de aprender inglês, e que falar uma língua estrangeira é algo muito distante de suas realidades.

De acordo com o texto das diretrizes, o desenvolvimento de escuta e fala deve ser prioridade no trabalho com a língua estrangeira. O aluno deve conseguir, de forma simples, se expressar oralmente no idioma estrangeiro sobre temas que fazem parte de seu cotidiano (CURITIBA, 2006, p. 187). O aluno deve ser também capaz de identificar o que ouve e interagir no processo de interlocução. Tais atividades eram frequentemente introduzidas em sala; no entanto, acabávamos sempre esbarrando na metodologia tradicional, ou no déficit existente em relação à oralidade.

No entanto, mesmo enfrentando as dificuldades acima mencionadas, encontrei alunos genuinamente interessados em aprender a falar inglês. Tais alunos consideravam que o domínio de um idioma estrangeiro lhes garantiria sucesso profissional, bem como inserção no mercado de trabalho e possibilidades de realizar intercâmbios culturais com o resto do mundo. Estes educandos viam na língua estrangeira uma atividade lúdica, que permitia o acesso às suas bandas e artistas favoritos, bem como a interações nas redes sociais com pessoas de nacionalidades diversas. Neste sentido, o uso da Internet é altamente valorizado, uma vez que a maioria dos alunos tem computador em casa e

acesso às redes sociais, tais como Orkut, Facebook, e Twitter. Na escola Herley Mehl, dispúnhamos de excelentes equipamentos, de modo que levar os alunos ao laboratório de informática era atividade frequente. Impressionava-me a habilidade dos discentes com as máquinas, a facilidade com que encontravam informações na rede e se comunicavam com pessoas de várias partes do Brasil ou até mesmo do mundo.

Encontramos, no texto das diretrizes, uma série de considerações sobre o uso da tecnologia em sala de aula. É fundamental, no entanto, “que o professor saiba selecionar tais tecnologias criteriosamente, de acordo com os objetivos que ele pretende atingir, definidos claramente em seu planejamento” (CURITIBA, 2006, p. 184). Em minha opinião, me parece altamente proveitosa a utilização da tecnologia: pesquisas na Internet, procura de conteúdos e jogos virtuais em inglês, conversas no idioma estrangeiro através de redes sociais, só para citar alguns exemplos, deixam os educandos bastante estimulados, uma vez que a maioria deles utiliza o computador com enorme destreza e é capaz de realizar intercâmbios virtuais. Tal utilização não deve se dar de forma mecânica, pelo contrário: o docente deve sempre fazer com que a aprendizagem se torne significativa para o aluno, relacionando o conteúdo com as vivências do seu cotidiano, conforme as orientações das diretrizes.

Em suma, apesar de todas as dificuldades, creio ser possível desenvolver um trabalho com a oralidade nas escolas municipais. O primeiro passo a ser dado por professores, alunos e pedagogos é a conscientização de que o desenvolvimento da fala e da escuta em língua inglesa é de grande importância para a inserção do indivíduo no mundo atual. Ao mesmo tempo, há que se repensar o uso de metodologias tradicionais em sala de aula, não simplesmente descartando os exercícios de gramática e preenchimento de lacunas, mas inserindo-os em contextos significativos de comunicação.

## REFERÊNCIAS

CHIN, Elizabeth Young; ZAOROB, Maria Lúcia Fernandes Abreu. *Keep in Mind*. São Paulo: Scipione, 2008.

CURITIBA. *Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal: Ensino Fundamental*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 2006.

LIGHTBOWN, Patsy; SPADA, Nina. *How languages are learned*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. *Línguas estrangeiras: uma visão histórica das abordagens, métodos e técnicas de ensino*. São Paulo: Catavento, 1997.